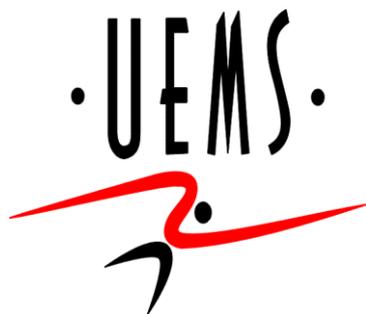


UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

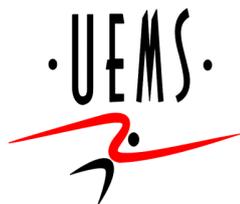
**UNIDADE DE JARDIM
CURSO DE LETRAS**

MARCELA CRISTINA XAVES GONÇALVES



**O perfil de leitor e a formação acadêmica: um estudo na
Biblioteca da Unidade de ensino da UEMS em Jardim**

2012



MARCELA CRISTINA XAVES GONÇALVES

**O perfil de leitor e a formação acadêmica: um estudo na
Biblioteca da Unidade de ensino da UEMS em Jardim**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português-Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora Prof^ª Dr^ª Susylene Dias de Araujo

2012

MARCELA CRISTINA XAVES GONÇALVES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O PERFIL DE LEITOR E A FORMAÇÃO ACADÊMICA: UM
ESTUDO NA BIBLIOTECA DA UNIDADE DE ENSINO DA UEMS
EM JARDIM

APROVADO EM: _____/_____/_____

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Susylene Dias de Araújo
UEMS

Prof^ª Msc Josilene Moreira Silveira

Prof. Msc Rosicley Andrade Coimbra

Gonçalves, Marcela Cristina Xaves.
O perfil de leitor e a formação acadêmica: um estudo na
Biblioteca da Unidade de ensino da UEMS em Jardim /
Marcela Cristina Xaves Gonçalves. Jardim: UEMS, 2012.
(número de páginas) p.; 30 cm.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação
Português-Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso
do Sul.

1. Leitura 2. Formação Acadêmica
3. Perfil de Leitor

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) somente para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Marcela Cristina Xaves Gonçalves

AGRADECIMENTOS

Em tudo dai graças!
Bíblia Sagrada

A Deus, autor da minha vida.

*Ao Nédís O. Gonçalves, que tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (I Coríntios 13:7),
seu amor nunca falhou comigo.*

*À Prof^a Dr^a Susylene Dias de Araújo, brilhante orientadora e incentivadora, quem acreditou
em meu potencial acadêmico.*

À UEMS, que oportunizou a realização deste trabalho por meio do incentivo à pesquisa.

Aos Acadêmicos, leitores em formação.

Aos Leitores, alunos em potencial.

*Ao Nedis de Oliveira Gonçalves, Susylene Dias de Araujo
e demais familiares e amigos.*

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. (...) Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor.

ROGER CHARTIER

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é um estudo sobre o perfil do leitor, recepção, compreensão e acesso à Biblioteca como contribuição para sua formação no Ensino Superior. No levantamento do *corpus*, alunos dos cursos de Letras e Geografia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, da Unidade de Jardim, foram acompanhados para que pudéssemos traçar seus históricos de leitura e assim verificarmos o quanto o ingresso na Universidade colaborou para na construção contínua de seu perfil como leitor e em sua formação acadêmica. Como base teórica, selecionamos alguns textos que trouxeram reflexões sobre a definição de leitura e literatura. Neste sentido, autores como Jean-Paul Sartre (1989), Ítalo Calvino (1993), Roger Chartier (1999), Jauss (1994), Marisa Lajolo (2001) e Ângela Kleiman (2002), entre outros foram utilizados.

Palavras-Chave: Leitura; Formação acadêmica; Perfil de Leitor.

ABSTRACT

This course conclusion work is a study about profile of the reader, receipt, understanding and access to the library as a contribution to their education in higher education. In the survey of the corpus, students of Letras and Geografia from the Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Jardim Unit, were followed so that we could trace its historical reading and verify how well the entrance to the University collaborated in constructing continuous its profile as a reader and professional training. As a theoretical basis, we select texts that brought some reflections on the definition of reading and literature. In this sense, authors such as Italo Calvino (1993), Roger Chartier (1999), Jauss (1994), Marisa Lajolo (2001) and Angela Kleiman (2002), among others have been used.

Keywords: Reading; Academic; Profile of the Reader.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1. MAS, AFINAL, O QUE É LEITURA? | 12 |
| 2. O QUE DIZER ENTÃO SOBRE O LEITOR?..... | 15 |
| 3. E ONDE FICA A BIBLIOTECA..... | 17 |
| 3.1 Discussão dos Resultados..... | 22 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 26 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 28 |
| ANEXOS..... | 29 |
| 1.1 Modelo de Ficha de Leitura..... | 30 |
| Figura 1..... | 31 |
| Figura 2..... | 31 |
| Figura 3..... | 32 |
| Figura 4..... | 32 |
| Figura 5..... | 33 |
| Figura 6..... | 33 |
| Figura 7..... | 34 |
| Figura 8..... | 34 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso surge a partir de nossa experiência como Bolsista no Programa de Iniciação Científica PIBIC/UEMS, tendo passado em um dado momento à Modalidade Avançada. Do ponto de vista pessoal, a pesquisa começou a partir de nosso interesse por livros e literatura. No início da graduação em Letras em 2009, a visão sobre leitura, livros e literatura bem como todos os elementos envolvidos com o maravilhoso e magnífico ato de ler eram vistos com distância e desdém, ainda sob uma perspectiva não muito positiva. Porém, no decorrer da graduação foi impossível e inevitável o despertar de uma paixão, essencialmente pelos livros. Partindo dessa que fora nossa experiência pessoal com o mundo da leitura, instigou-nos, contudo, a curiosidade em saber e descobrir como esse brilhante processo de amadurecimento do leitor ocorria com outros acadêmicos e seus hábitos de leitura. Nasceu aí, então, a proposta para a pesquisa e o início desta que foi uma ilustre caminhada de surpresas e descobertas.

Durante a graduação tivemos a oportunidade de apresentar a proposta da pesquisa bem como seus resultados parciais em alguns eventos, sendo eles: II Colóquio de Linguística e Literatura em 2011 na UEMS Unidade de Jardim/MS; II AMA (Apresentações de Monografias em Andamento) em 2012, evento promovido pela Unidade de Jardim aos acadêmicos do Curso de Letras no qual podem ser compartilhadas as experiências de pesquisa entre os graduandos e no 3º EPEX (Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão) em 2012 na UEMS em Dourados/MS.

Em cada um dos eventos e em cada apresentação, o que mais nos marcou entre todos os expectadores foi justamente o remetimento à reflexão sobre o ato de ler, sua importância dentro e fora das universidades e como o processo do amadurecimento do leitor tem sido tratado nas graduações. Apenas ter oportunizado tais momentos de reflexões sobre relevante aspecto que envolve o ensino, a pesquisa e a graduação já fizeram toda a trajetória ter valido a pena. O impacto dos resultados, ainda que parciais nos ouvintes demonstraram que é possível que este trabalho não pare por aqui, mas que a partir das reflexões, discussões e conclusões possam posteriormente ocasionar efeitos reais e concretos em tudo o que diz respeito a ele.

Nossa expectativa é que a leitura enquanto importante instrumento na graduação, seja melhorada, otimizada e positivada na UEMS Unidade Universitária de Jardim, por meios de processos concretos de estímulo, incentivo e incitamento ainda maior do já ocorre na formação e amadurecimento de leitores.

CAPÍTULO I

MAS, AFINAL, O QUE É LEITURA?

Primeiramente precisamos nos ater ao claro conceito do que é leitura. Como sabemos, existem vários tipos de leituras possíveis, como a leitura de mundo, leitura que um indivíduo faz com relação ao outro e leitura que diz respeito à própria linguagem escrita e, é este último o foco principal deste trabalho. Em uma possível definição de leitura para a relação entre a escrita e o leitor como decodificador do código e do signo. Para o ato de codificar, compreendemos que o processo vai além do apenas decifrar, COSSON (2011) nos diz que “Ler é bem mais do que seguir uma linha de letras e palavras. Também não se restringe a uma decodificação, nem depende apenas do texto”. Assim percebemos que ler é mais do que apenas manter uma linearidade; a leitura implica na interpretação da palavra decifrada juntamente com os atributos do implícito, explícito e do pressuposto. Josué de Sousa Mendes e sua tese de doutorado intitulado *Formação de leitor de literatura: do hábito da leitura à cultura literária*, defendida em 2008 na UnB, exemplifica bem acerca do que realmente a leitura e o mundo das palavras se trata:

A leitura é uma descoberta do mundo; é a chave que permite penetrar o real, é o portão que se abre para a decodificação – para usar as metáforas de Sartre. Mas é também uma despersonalização que leva a descobrir um mundo de palavras e de coisas que se expressam na experiência do escritor, por meio da linguagem, da arte, do mundo. (MENDES, 2008, p.113)

Nesse aspecto, podemos também refletir sobre a contribuição da leitura para a formação do indivíduo. Saber ler é possuir bases para uma educação adequada para a vida, educação essa que visa principalmente o desenvolvimento da capacidade intelectual e possibilita ao indivíduo integrar-se efetivamente como cidadão à sociedade, pois diz respeito a sua capacidade para o convívio e atuação social, política, econômica e cultural. Sobre o aspecto social, o ato de ler nos garante marcas do lugar que ocupamos na sociedade, Cosson (2011, p.32) afirma que “ler implica troca de sentidos, não só entre o escritor e leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamento de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço”. Assim, surgem as influências da prática de leitura de cada indivíduo em seu cotidiano, pois o que está sendo lido conversará com a visão de mundo que possuímos e gerará assim o sentido singular

e individual sobre aquilo que lemos. Portanto, é preciso fazer a relação intrínseca entre a leitura e a formação do indivíduo.

Segundo Chartier (1999 p. 91-92), “Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. Mas esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz com que esse leitor seja semelhante a todos que pertencem à mesma comunidade”. Se considerar-se que o mundo está completamente explicado e nada mais se tem a dizer sobre o mesmo, então podemos concluir que a prática de leitura torna-se infrutífera. Consideramos, portanto, que o ato de ler alarga horizontes talvez nunca antes imaginados e que é necessária a prática da solidariedade no ato de ler que implica em que mesmo que não haja concordância por parte do leitor com relação ao que se está sendo lido, ao menos haja a compreensão deste. A leitura é feita disso também.

Entende-se que o início da prática de leitura normalmente se dá na escola por ser em geral o ambiente no qual se aprende a escrever e a ler. E essa prática de leitura na escola é basicamente para a compreensão de textos, participando criticamente da dinâmica do mundo da escrita. Muitas pesquisas e estudos são realizados em torno da importância da leitura na sala de aula, refletindo a preocupação dos educadores sobre esse tema. Nosso enfoque, porém, fica restrito ao universo acadêmico, por entendermos que a leitura nesse ambiente adquire uma importância a mais, pois ler na universidade envolve a aquisição do conhecimento científico-teórico e de uma linguagem específica ao domínio profissional.

A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão; mas fazem de tudo para que se acredite no contrário. Existe uma inversão de valores muito difundida segundo a qual a introdução, o instrumental crítico, a bibliografia são usadas como cortina de fumaça para esconder aquilo que o texto tem a dizer e que só pode dizer se o deixarmos falar sem intermediários que pretendem saber mais do que ele. (CALVINO, 1993, p. 12)

De acordo com Matos e Santos (2006, p. 56), “ler é condição *sine qua non* para a conquista da cidadania e participação social, para o acesso a informações vinculadas das mais diversas maneiras, bem como para o ingresso no mercado de trabalho.” Neste sentido, este estudo propõe traçar o perfil dos leitores dos cursos de Letras e Geografia da UEMS na Unidade de Jardim, com a finalidade de retratarmos a prática da leitura como uma constante da formação acadêmica. Segundo Amora,

[...] tanto mais é educado o leitor, tanto maior é sua capacidade de compreender as obras produzidas ao longo dos séculos, em todas as literaturas, e cada dia a se publicarem, em todos os países, em grande quantidade. (AMORA, 2001, p.121).

No que diz respeito às habilidades exigidas pelos egressos dos Cursos de Letras e de Geografia, os Projetos Pedagógicos, documentos norteadores da estrutura dos cursos vigentes na UEMS em Jardim, falam de profissionais com perfis específicos. Na área de Letras espera-se que o egresso seja capaz de

[...] desenvolver as competências aplicada, linguístico-comunicativa e profissional, que farão dele um cidadão crítico-reflexivo e engajado, que realize transformações no ensino, nos valores e costumes de um povo por meio de sua capacidade, sua vontade, fazendo uso de seus conhecimentos linguístico-discursivos, sua visão abrangente da realidade e sua formação contínua com compromisso e ética. (P.P. Licenciatura em Letras, Dourados, p.15, 2004).

O profissional da área de Geografia, por sua vez, tem de estar apto para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, bem como colaborar na sua formação contínua e possuir sólidos conhecimentos da área pedagógica, integrada com sua área específica, entendendo o processo de aprendizagem na sua totalidade. (P.P. – Licenciatura em Geografia, UEMS, Jardim, 2007).

De acordo com a apreciação dos projetos pedagógicos mencionados, percebemos que a leitura será imprescindível para que as habilidades sejam alcançadas em ambos os cursos, constituindo-se como uma das principais pontes para a construção do conhecimento e para a formação contínua desses profissionais. Não podemos esperar que profissionais licenciados e aptos à profissão de professor não sejam leitores e nossa pesquisa buscará assertiva para tal expectativa.

Em suma, neste primeiro capítulo, nossa intenção principal não é problematizar o que de modo geral consiste em um processo simples, mas, relacionar a leitura com o papel do professor enquanto fomentador de leitores. Fazemos para tanto, das palavras de Kleiman (2002), as nossas:

Ao descrever essa complexa tarefa não se pretende, é claro, problematizar uma atividade que é simples, natural e prazerosa desde que seja uma atividade em busca de significados e sentidos, como outras atividades comunicativas. Pelo contrário, através dessa descrição esperamos atingir indiretamente um objetivo mais geral em relação à atitudes daqueles que ensinam e modela um relacionamento com a palavras escrita, isto é, em relação a todo professor de qualquer matéria (pois acreditamos que todo professor é também um professor de leitura): conhecendo o professor as características e dimensões do ato de ler, menos serão as possibilidades de propor tarefas que trivializem a atividade de ler, ou que limitem o potencial do leitor de engajar suas capacidades intelectuais, e, portanto, mais próximo estará esse professor do objetivo de formação de leitores. (KLEIMAN, 2002, p. 11).

É sabido que se tende a pensar que a obrigação do incentivo à leitura está unicamente concentrada em professores de Língua Portuguesa, Redação e Literatura, que são os profissionais formados em Letras. Entretanto, conforme citado por Kleiman (2002), todos os

professores, de todas as matérias precisam ter e desempenhar este papel. Ressaltamos, portanto, referente à licenciatura em Geografia, quanto seus profissionais, necessitam também serem fomentados de leitores, assim como os profissionais da área de Letras e, para tanto, precisam serem antes de tudo, leitores. Essa afirmativa concorda, também, com a descrição dos profissionais e suas habilidades descritas dos Projetos Pedagógicos de ambos os cursos, anteriormente mencionados e referenciados.

CAPÍTULO II

O QUE DIZER ENTÃO SOBRE O LEITOR?

Discutiremos e refletiremos neste capítulo acerca do que é leitor. Compreendemos conforme já discutido no capítulo anterior que o leitor vai além da decifração dos códigos da escrita, vai além de meramente decifrar signos, mas que ele desenvolve a interpretação genuína daquilo que lê.

Podemos, entretanto aqui definir o que é leitor a partir da teoria postulada por Jauss denominada Teoria da Recepção ou Estética da Recepção que promoveu um novo conceito de leitor considerando os critérios da recepção e o efeito produzido pelas obras nos leitores. Esses critérios de recepção dizem respeito justamente acerca do meio em que o leitor vive, culturalmente e socialmente, considerando que a interpretação dos textos por ele será fortemente influenciada por esses critérios. Conforme observa Lima (2001) em estudo introdutório, alguns dos teóricos e analistas da teoria da recepção remetem o ato de leitura a um duplo horizonte: o implicado pela obra e o projetado pelo leitor de determinada sociedade.

[...] a teorização de Jauss antes converge para a caracterização da experiência estética, com suas três categorias básicas – poiseis, aisthesis, catharsis – das quais a duas últimas concernem à atividade do leitor, enquanto a primeira já é definida em termos de um autor em função do leitor. (LIMA, 2001, p. 25).

Podemos então considerar essa dupla via da leitura, sendo a primeira aquilo que o autor pretende revelar ainda que escalando vazios em sua obra e aquilo que o leitor recebe ou recepiona de acordo com seu contexto no qual fará o preenchimento dos vazios deixados pelo autor. Há, portanto, o diálogo entre texto e leitor considerando então que o texto não é criado apenas pelo artista, mas a partir dessa relação estabelecida entre objeto e receptor. O leitor é aquele que interage com o texto, interpreta e fundamenta outros significados para o que esta lendo a partir de sua experiência individual e cultural, daquilo que chamamos de visão de mundo, singularmente falando, havendo para tanto uma relação intrínseca entre autor-obra-leitor.

Podemos, então, definir o leitor como a matéria prima da obra, como aquele quem vai dar significado e interpretação ao proposto pelo autor, sendo ainda capaz de identificar as nuances e alterações que acontecem em torno da obra.

Observando as definições dadas podemos, sobretudo, enfatizar que o leitor é sumariamente ativo no processo de leitura, pois é ele o agente da ação e da leitura enquanto

ato propriamente dito. Entretanto, podemos concordar que tal definição do que é leitor não se restringe em si, pois o ato de ler não diz respeito apenas à leitura de bulas de remédios, receitas de bolo ou *outdoors*, por exemplo, o que poderíamos denominar aqui de ‘leituras rasas’, mas é preciso ter em mente as causas, motivos e consequências que levam o indivíduo a denominar-se um leitor. Essencialmente acerca do que podemos designar como leitura que produz leitores, Kleiman (2002) nos diz que

Mas há também diferenças entre leituras determinadas em parte pelo tipo de textos, daí considerarmos a leitura de uma bula de remédios tão diferente da leitura de um romance, pois a primeira só se presta a pouquíssimos objetivos, enquanto a última pode atender a um conjunto infinito de propósitos. (KLEIMAN, 2002, p.34).

Concomitante a isso, é compreensível que não se pode afirmar que todas as pessoas alfabetizadas são automaticamente leitores ou assumem-se como tais. Se perguntássemos a cada indivíduo que sabe ler o que ele define por leitor, observaríamos que muitos não se colocariam como exemplos de indivíduos leitores, isso justamente pelo fato de que apenas saber ler não os tornam especificamente ou obrigatoriamente leitores.

Definir o que é ser leitor é quase tão complexo como definir o que é ser humano. O leitor vai em busca do além no inventário, no fictício ou na própria realidade traduzidos em palavras escritas, através do mergulho no interior do espetacular ato de decifrar signos e códigos que ultrapassa até mesmo esse próprio ato e rompe as fronteiras da imaginação e do conhecimento. O leitor pode ser comparado com o vinho no qual este, de acordo com o processo de envelhecimento, com o acúmulo dos anos, vai se aprimorando e destacando seu aroma, sabor e cor, tornando-se um vinho melhor, mais apurado, desejado e comumente denominado “vinho de boa safra”. Da mesma forma podemos considerar como se dá o processo de formação do leitor que, assim como o vinho, com o passar do tempo, com o acúmulo dos livros, das obras selecionadas na trajetória literária e da própria experiência literária, vai aprimorando o senso crítico, os hábitos de leitura, a frequência de leitura e tornando-se no decorrer de todo esse processo que não precisa necessariamente ter um fim, podendo findar em consonância com a própria vida, um leitor verdadeiramente contumaz por excelência.

CAPÍTULO III

E ONDE FICA A BIBLIOTECA?

O levantamento do perfil de leitor na Biblioteca na UEMS Unidade Universitária de Jardim foi realizado por intermédio do levantamento do relatório de empréstimos feitos na Biblioteca em questão, por meio de estudo de *corpus*. Foram selecionados ao todo, 10 (dez) acadêmicos de cada curso e turma pesquisados sendo eles 2º e 4º anos de Letras e 2º e 4º anos de Geografia. O levantamento dos relatórios¹ de empréstimos tem a data inicial contada a partir do mês de junho de 2009, data esta em que fora instalado um programa digital de acervo, alunos e contagem e controle de empréstimos na Biblioteca. Anteriormente a esta data, os empréstimos eram anotados em fichas manuais individuais de cada aluno que foram descartadas na ocasião da instalação do programa digital por razão de não haver espaço suficiente para armazená-las e, também diante da praticidade e economia que o *software* trouxe, não havendo mais, entretanto, a necessidade de se fazer a consulta manual das fichas a partir de então.

A proposta de a pesquisa ser realizada tendo como principal suporte a Biblioteca se fez muito pertinente uma vez que nela encontramos um ambiente propício para a formação de leitores bem como para a identificação de dados importantes e relevantes referentes aos acadêmicos e seus históricos e perfis de leitores. Compreendemos, entretanto, que há outras ferramentas que servem de suporte para a pesquisa na graduação como o acesso a *sites* confiáveis e de hospedagem de arquivos comumente científicos por meio da internet, por exemplo, que costumam ser indicados pelos professores. Porém não podemos deixar de esclarecer que os acessos aos livros na Biblioteca fazem-se completamente necessário uma vez que refere-se ao próprio acesso livre e direto à bibliografia da ementa referente à cada ano dos cursos e suas respectivas disciplinas, podendo inclusive instigar a curiosidade do acadêmico a buscar referências extras, além daquelas indicadas pelos docentes, revelando nesse processo a construção primordial do perfil de pesquisador que todo acadêmico deveria desenvolver e aguçar.

A Biblioteca da Unidade de Jardim está vinculada assim como as demais unidades universitárias da UEMS à Biblioteca Central e, administrativamente, à Gerência da Unidade de Jardim, tendo como finalidade o apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão universitária, com

¹ Modelo de relatório de empréstimos encontra-se nos Anexos deste trabalho.

acervo de livros, periódicos, teses, fitas de vídeo, CDs e obras de arte. Além disso, oferece também alguns serviços relevantes aos leitores, tais como, atendimento aos usuários com disponibilidade de duas funcionárias que prestam atendimento aos usuários a Biblioteca que é aberta nos períodos vespertinos e noturno, nos quais ambos os cursos, Letras e Geografia, possuem turmas com graduação em curso; possui também acesso à internet disponibilizado tanto por meio de computadores instalados no ambiente quanto por rede *wireless* que pode ser acessado por computadores ou outros dispositivos móveis, possibilitando os alunos a realização de pesquisas na rede; empréstimo domiciliar facilitando o acesso ao acervo por mais tempo, incluindo finais de semana e até mesmo período de férias; espaço de leitura que pode ser feita individual ou em grupo; consulta local; empréstimos entre bibliotecas possibilitando o acesso a livros pertencentes a outras unidades universitárias e catálogo *online* para visualização do acervo pertencente às outras unidades da UEMS.

A pesquisa dividiu-se entre os cursos e seus respectivos anos separando-se da seguinte forma: total de alunos selecionados para construção do *corpus* da pesquisa; total de alunos não cadastrados na Biblioteca em questão; separação entre o que consideramos empréstimos de materiais teóricos e o que consideramos empréstimos para entretenimento e empréstimos de dicionários e mapas. Relativamente a esses dados, levantamos os seguintes números:

Tabela 1: ÍNDICES DE LEITURA NA BIBLIOTECA DA UEMS EM JARDIM 2009-2011.

| Cursos/Anos | Total Alunos | Alunos não cadastrados | Empréstimo teórico | Empréstimo entretenimento | Dicionários | Mapas |
|------------------|--------------|------------------------|--------------------|---------------------------|-------------|-------|
| 2º Ano Letras | 10 | 0 | 166 | 31 | 11 | 0 |
| 2º Ano Geografia | 10 | 2 | 53 | 8 | 0 | 0 |
| 4º Ano Letras | 10 | 0 | 243 | 14 | 26 | 0 |
| 4º Ano Geografia | 10 | 1 | 86 | 0 | 1 | 4 |

Fonte: GONÇÁLVES, M. C. X. (2011).

Inicialmente podemos observar por intermédio desses índices que é considerável a diferença entre a quantidade de livros emprestados entre o curso de Letras e Geografia, sendo este último com registro de menor número de empréstimo. É significativo também o total de alunos que não possuem cadastro na Biblioteca, observados na pesquisa do *corpus* pré-estabelecida, somando o total de 03 (três) entre todos os acadêmicos pesquisados, no qual observamos também que todos pertencem ao curso de Geografia contando, portanto, 02 (dois) acadêmicos do 2º ano e 01 (um) acadêmico do 4º ano, o que ressalta a diferença entre o

número de empréstimos entre os cursos. Esse dado revela, portanto, a evasão do curso de Geografia à utilização da Biblioteca bem como de seu acervo. Em entrevista a umas das bibliotecárias foi questionado o motivo do não cadastramento destes alunos e a resposta foi surpreendente com o relato por parte da mesma de que esses alunos não possuem cadastro porque nunca procuraram a Biblioteca para fazê-lo ou socilitá-lo. É pertinente mencionarmos que as bibliotecárias realizam um trabalho de conscientização e instrução referentes à utilização e acesso à Biblioteca enfaticamente aos recém-ingressos na UEMS Unidade e Jardim, com objetivo de propagar e conscientizar à respeito da importância da leitura e o contato dos acadêmicos com o acervo, tendo este como suporte para a graduação.

O alarmante referente a este importante dado levantado é o questionamento que automaticamente fazemos diante de tal indício, que é em que condições esses alunos estão se graduando sem o acesso, a utilização ou o contato direto com a biblioteca ou seu acervo ou materiais de suporte aos respectivos cursos? Talvez a resposta mais cabível que encontramos para a questão é de que possivelmente esses alunos tenham em algum momento recorrido ao empréstimo que foram realizados em nome de colegas de classe ou turma, com a anuência para o empréstimo na ficha individual desses alunos que possuem cadastro para os que não possuem. É possível levantarmos tal hipótese diante das análises das fichas de empréstimos individuais do *corpus* selecionado. Nelas, observamos que alunos do curso de Letras emprestaram livros teóricos pertinentes ao curso de Geografia e alunos do curso de Geografia fizeram empréstimos de livros teóricos referentes ao curso de Letras, corroborando tal hipótese. Ressaltamos também que alunos de ambos os cursos possuem familiares e amigos em comum graduando-se nos cursos pesquisados, fazendo com que o pedido para o acesso a determinado objeto do acervo entre eles possa ter acontecido através dessa anuência do empréstimo pelo cadastro individual a terceiros.

É pertinente também relatarmos que o empréstimo nunca é feito apenas com a carteirinha de usuário da Biblioteca do aluno, sendo, entretanto imprescindível a presença do mesmo no ato do empréstimo, nos levando a pensar sobre o esforço que o aluno não cadastrado teria feito para ter acesso ao acervo através de algum intermediário, contando o fato de que talvez tenha sido preciso convencê-lo a fazê-lo e conduzi-lo à biblioteca para consumação do empréstimo. Nossa constatação nos deixou perplexas ao analisarmos que para o aluno fazer seu cadastro na Biblioteca o caminho para o acesso ao acervo seria mais fácil, prático e rápido, pasmando-nos no porque o acadêmico opta por essa alternativa que se faz tão contramão do que a forma correta de acesso à Biblioteca e ao acervo impõe. Evidenciamos também que o cadastro é feito de maneira bem simples e rápida na qual as bibliotecárias

solicitam uma foto 3X4 para digitalização e confecção da carteirinha do usuário que fica pronta, inclusive no mesmo dia.

Retomando brevemente acerca da questão da utilização da Biblioteca como suporte a esta pesquisa, levantamos a questão dos professores repassarem por meio de cópias reproduzidas (*xerox*) determinadas bibliografias aos alunos, sendo isso considerado por nós como uma própria forma de incentivo à evasão dos alunos ao acesso à Biblioteca. Em busca de justificativa para tal questão ou problemática fomos buscar evidências em entrevista com as bibliotecárias. Fora-nos relatado, que os professores repassam apenas cópias de bibliografias e referências de materiais e obras que a Biblioteca da unidade em questão não possui, facilitando assim o acesso pelos acadêmicos a estas, sendo que com relação às obras e livros que a Unidade possui, são indicadas pelos professores para procura e pesquisa na própria Biblioteca. Já ocorreu até mesmo de um mesmo professor repassar a bibliografia para pesquisa para mais de uma turma e que por conta disso, o acesso a este tornou-se bastante difícil devido ao elevado número de procura sendo que nem mesmo o livro/obra/material denominado ‘fixo’ (aquele que não pode ser retirado da Biblioteca, podendo ser utilizado apenas nas dependências da Unidade Universitária) permanecia na prateleira. É comum também este fato acontecer dependendo da obra indicada se, por exemplo, ela apresenta-se em unidades reduzidas na Biblioteca, ocasiona-se tal problema. Acreditamos, portanto, que diante de tal fato os docentes acabam por utilizar o meio mencionado acima para cooperar de forma para que todos os alunos consigam ter acesso à bibliografia indicada/sugerida.

Outro ponto importante observado foi no total de empréstimos de livros teóricos e livros para entretenimento, no qual os números de empréstimos para leitura teórica é consideravelmente maior que o para entretenimento. É necessário aqui explicarmos qual o critério que usamos para definir ou diferenciar o que foi empréstimo para leitura teórica e o que foi para leitura de entretenimento sendo que o primeiro se baseia basicamente no que consta no relatório de empréstimos dos alunos *corpus* da pesquisa tratando-se de livros, dicionários, monografias/trabalhos de conclusão de curso e referências. O critério que utilizamos para definir o que foi empréstimo para entretenimento, separando-o do que foi teórico foi uma seleção realizada mediante análise de quais empréstimos partiram de iniciativa do próprio aluno como obras clássicas literárias, por exemplo. Essa seleção pôde ser levantada através da observação da frequência de empréstimo de um dado livro/material por um número significativo de alunos de uma mesma turma, revelando-nos a imposição de determinada bibliografia por parte de determinado professor, sendo considerada teoria e o que

o aluno acessou espontaneamente pode ser percebida as obras que não foram acessadas concomitantemente.

Esse dado nos revela também, através da diferença significativa entre esses dois tipos de empréstimos, que ao ingressar na Universidade os alunos não são leitores contumazes, revelado na baixa procura por livros que não estão na grade dos cursos ou que não sejam propostos ou impostos pelos docentes. Dificilmente um leitor assíduo estaria tão alienado perante o acesso a um acervo relativamente variado referente ao existente na biblioteca da Unidade de Jardim e, tendo em mente também que o acesso não se limita apenas ao da referida, mas também ao das demais através da possibilidade de acesso ao empréstimo do acervo das bibliotecas das outras unidades.

Um apontamento bastante interessante também levantado por meio da pesquisa de *corpus* diz respeito às quais foram os materiais mais emprestados de acordo com cada curso e ano. O resultado a que chegamos foi o seguinte: no 2º ano de Letras, o livro mais emprestado foi o '*Panorama Histórico da Literatura Infantil Juvenil*' da autora Nelly Novaes Coelho totalizando 16 (dezesseis) empréstimos pela turma e o segundo foi a '*Nova Gramática do Português Contemporâneo*' dos autores Cunha, Celso, Cintra e Luís F. Lindley, com 10 (dez) empréstimos. Para o 2º ano de Geografia a obra mais acessada foi '*Geografia*' de Antônio Carlos Robert de Moraes, com 03 (três) empréstimos. No 4º ano de Letras, o dado levantado revelou-se bastante interessante e relevante, no qual imperou o empréstimo a gramáticas e dicionários sendo que para o primeiro ocorreram 31 (trinta e um) empréstimos e para o segundo, somados os dicionários de português, inglês e latim foram 24 (vinte e quatro) acessados por esta turma. Já para o 4º ano de Geografia o livro '*Metamorfose do espaço habitado*' de Santos e Milon, que obteve 08 (oito) empréstimos no total. Esse elemento apontado contribui para indiciar mais uma vez, conforme descrito anteriormente, a discrepância de acesso à Biblioteca bem como seu suporte e quantitativo de leitores entre os dois cursos analisados.

Referindo-nos ao acervo/material emprestado pelo *corpus* da pesquisa, não enquadraremos o dicionário e mapa no aspecto teórico da pesquisa por não considerarmos como consulta bibliográfica relevante, tratando-se apenas de obras de referência para breves consultas não gerando, enriquecimento da construção do conhecimento literário. Percebemos, no estudo do *corpus* que o empréstimo desse tipo de material é bastante relevante, principalmente quanto ao dicionário. Na observação às fichas de empréstimos individuais, notamos que em algumas o número de empréstimos a dicionários e a mapas é significativo considerando o total de material emprestado.

Vale-nos ressaltar que não foram consideradas as possíveis leituras realizadas fora do âmbito acadêmico, mas que através do levantamento dos resultados é possível medirmos os níveis de leitura dos acadêmicos, considerando-os, portanto, baixos de acordo com o que a graduação traz em sua necessidade de leitura.

Diante de todos esses indicativos, evidências e números bem como análise de cada relatório individual de empréstimo e através do levantamento dos resultados traçamos o perfil de leitor dos acadêmicos dos cursos de Letras e Geografia da UEMS Unidade de Jardim na qual analisaremos e discutiremos mais à frente.

3.1 – Discussão dos Resultados

Partindo do pressuposto de que os hábitos de leitura, segundo Chartier (1999), são cercados “[...] de limitações derivadas de capacidades, convenções e hábitos que caracterizam em suas diferenças as práticas de leitura”, discutiremos aqui, a partir dos resultados já expostos, um importante ponto desta pesquisa que trata da mudança de praxe de leitura partindo do que é imposto, isto é, uma possível mudança no hábito de leitura que pode ser ocasionada pela imposição daquilo que o leitor deve ler.

Barker & Escarpit (1978), em estudo sobre as razões que levam o indivíduo a ler, em andamento, descrevem dois tipos básicos de comportamento: o objetivo e o de participação. O comportamento objetivo tem como característica a leitura que é realizada para fins educativos ou educacionais no qual o objetivo de leitor é “[...] melhorar o intelecto, coligir fatos, aprender, ampliar a cultura geral, elevar o nível de instrução, diversificar os interesses, aumentar conhecimentos específicos.” (Barker & Escarpit, 1978, p.139).

Já o segundo comportamento, de participação, relaciona-se mais a leitores de textos ficcionais que apresentam justificativas vagas para a leitura como “[...] por gosto, por que me agrada, me cativa, acho interessante, emocionante, permite sonhar, fugir da realidade.” (Barker & Escarpit, 1978, p.139).

Nossa intenção aqui não é delimitar especificamente os dois comportamentos como únicos, pois, como sabemos, os hábitos de leitura variam de acordo com as circunstâncias que envolvem o leitor. Porém, focaremos apenas nesses dois comportamentos tendo em vista que na análise do *corpus*, separamos o que foi leitura teórica e leitura de entretenimento, enquadrando-se justamente aos dois tipos de comportamentos apontados.

A questão que discutiremos aqui é a de que embora o acadêmico agora passe a exercer um comportamento objetivo, como ele concilia com o comportamento participativo, aliando as duas práticas de leitura durante a graduação.

O acadêmico que ingressou na Universidade na maioria das vezes não estava acostumado ou pelo menos familiarizado com a leitura de textos teóricos e, uma vez iniciado o processo de graduação, é compreensível que este tipo de bibliografia passe a ser imposta. Nesse processo, a mudança nos hábitos de leitura pode ser radical, ou seja, quando o leitor passa a consumir apenas aquilo que lhe é imposto, ou pode ser parcial, passando a agir de maneira a fazer com que os outros hábitos passem a ser “concorrentes” com o imposto. Consoante a isso, Chartier (1999, p.38) afirma que: “Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem”. Sendo assim, o acadêmico durante a graduação não consegue manter seus hábitos de leitura exatamente como eram antes do ingresso na Universidade, ocorrendo que no decorrer da graduação, ele vai refazendo, construindo ou reconstruindo seus hábitos de leitura. Podemos chamar esse processo de *antecipação* que, de acordo com Cosson (2011) “[...] consiste nas várias operações que o leitor realiza antes de penetrar no texto propriamente dito”.

Com a nova imposição de leitura, a própria postura desse leitor diante do ato de ler pode, portanto, assumir uma nova prática. Se o leitor costumava ler sempre de maneira livre e ou descompromissada, agora necessita fazê-lo com rigor e disciplina, pois com a imposição, surge então a necessidade de se compreender em profundidade o que está sendo lido.

Nesse caso, são relevantes tanto os objetivos da leitura, que levam o leitor a adotar posturas diferenciadas ante o texto – não lemos da mesma maneira um poema e uma receita de bolo – quanto os elementos que compõem a materialidade do texto, como a capa, o título, o número de páginas, entre outros. A leitura começa nessa antecipação que fazemos do que diz o texto. (COSSON, 2011, p. 40)

Concomitante a isso Chartier (p. 37, 1999) afirma que: “Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler”. Observamos através da análise do corpus que, os acadêmicos dos cursos de Letras e Geografia da Unidade de Jardim quase que anularam de seus hábitos a leitura para entretenimento, considerando a perspectiva da utilização da Biblioteca para suporte às leituras como um todo.

Refletiremos também acerca da importância da prática da leitura nos cursos de licenciatura, especificamente o de Letras e Geografia, objetos de nossa pesquisa. Na licenciatura, a leitura se torna ainda mais importante devido ao fato de que o acadêmico após sua formação passará a atuar profissionalmente na grande maioria das vezes na docência, podendo partir também para outras áreas, entretanto sendo a docência a de maior abrangência

e maior disponibilidade no mercado de trabalho a tendência é que a maioria optará por ela. Especificamente nesse tipo de atuação esses profissionais terão como papel fundamental auxiliar no desenvolvimento e no fomento de novos leitores. De acordo com Silva e Turchi (2006), “[...] o educador deve saber o quanto são importantes sua prática e ação em sala de aula e que sua mediação motivará ou não o aluno à prática de leitura.” Sendo assim, compreendemos a dificuldade que esse profissional terá em formar novos leitores se ele mesmo não é um leitor. O educador é um modelo para os educandos e, no processo de desenvolvimento de novos leitores, o papel atuante do professor torna-se indispensável, tendo ele essa brilhante missão em sua jornada profissional.

Nesse sentido é possível levantar também outra questão que poderá ser discutida em profundidade em outro momento: o letramento literário. A falta da prática efetiva da leitura por parte dos futuros professores, que deve ser feito enquanto leitores em busca da diversidade, transcendendo o tradicionalismo ou o senso comum, traz a problemática da dificuldade da inovação, da quebra do que podemos chamar de tradicional, que pouco tem contribuído para o letramento literário nas escolas e conseqüentemente na formação de novos leitores. Tem-se, portanto, a problemática do despertar do interesse dos alunos pela leitura, pois sabemos que “o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro”. E ainda conforme Cosson

[...] crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leituras. (COSSON, 2011, p. 35).

Compreendemos assim, que é papel do professor despertar o interesse dos alunos pelo desconhecido, indicando-lhes o caminho para o alargamento dos horizontes de leitura por meio da diversidade, contribuindo dessa forma para a fomentação de novos leitores. Tal processo, se efetivamente realizado, transformará uma realidade presente de existência de não leitores à construção de uma comunidade literária que tenderá a fortalecer-se e ampliar-se, ainda que a longo prazo.

Na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que esta coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. Trata-se, pois, da construção de uma comunidade de leitores que tem nesta última etapa seu ponto mais alto. (COSSON, p. 66, 2011).

Para tanto traçamos um perfil de leitor dos cursos de licenciaturas em Letras e em Geografia da UEMS Unidade de Jardim a fim de identificarmos que tipos de leitores

ingressam nessa universidade e o quanto o perfil de leitor construído antes e em construção durante a graduação pode contribuir para sua formação acadêmica. O traçado do perfil de leitor se deu por meio do levantamento dos resultados que fora obtido por intermédio da análise das fichas de empréstimos individuais do *corpus* da pesquisa. O perfil de leitor ficou da seguinte forma: são majoritariamente mulheres; os leitores que mais fazem empréstimos na Biblioteca concentram-se no curso de Letras; a maioria atenta-se enfaticamente para o aspecto teórico do curso deixando o aspecto da leitura de lazer à parte; a maioria não pode ser considerada leitores contumazes; não usufruem de todos os serviços oferecidos pela Biblioteca em questão, bem como de seu acervo de material.

Parece-nos contraditório verificar que embora os alunos estejam inseridos em um ambiente favorável para a prática e fomento à leitura, apresentam grande evasão no hábito de ler e na consolidação de um perfil de leitor contumaz e delineado. Ficam-se abertas então, as questões pertinentes à reversão dessa realidade que pode vir à tona numa futura discussão acerca de quais ações podem ser criadas a partir deste resultado. É importante ressaltar também que a Universidade deve ser capaz, durante esse processo, de cumprir seu papel no tocante a formação de leitores compromissados, considerando a leitura acima de tudo como um excelente mecanismo e ferramenta de construção do conhecimento e formação crítica do indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é imprescindível para a formação do homem. É por meio dela que desde criança, quando normalmente estabelecemos nosso primeiro contato com ela, temos por seu intermédio a oportunidade de fazer descobertas, aventurarmos, desvendarmos, conhecermos e compreendermos o mundo, dentre tantas outras ferramentas que a leitura torna-se para a vida.

Ainda mais importante consideramos a leitura na Universidade, ambiente propício ao fomento e disseminação do conhecimento, da descoberta, da pesquisa. Ambiente esse em que o hábito de ler deve ser cada vez mais incitado e incentivado, sendo que através da leitura surge a possibilidade do descobrimento de respostas de tantas dúvidas e questionamentos, em especial, o da própria existência. E também por meio dela, o surgimento de questionamentos novos, transformando a vida numa inquietação literária sem fim.

No processo, procuramos verificar as leituras ditas essencialmente de caráter teórico e as que recaem num aspecto de maior liberdade e gosto particular. Ficou evidenciado que o processo de formação do leitor, no contexto pesquisado, dá-se mais pelas leituras indicadas ou impostas do que pelas que se dão a partir do interesse particular de cada acadêmico como uma descoberta singular e individual. Kleiman (2002), faz uma crítica às leituras essencialmente ‘mandadas’.

Cabe notar que uma leitura que não surge de uma necessidade para chegar a um propósito não é propriamente leitura; quando lemos porque outra pessoa nos manda ler, [...], estamos apenas exercendo atividades mecânicas que pouco têm a ver com significado e sentido. Aliás, essa leitura desmotivada não tem a ver com a aprendizagem; [...], material irrelevante para um interesse ou propósito passa despercebido e é prontamente esquecido. (KLEIMAN, p. 35, 2002)

Entretanto, compreendemos que as leituras impostas na graduação fazem-se totalmente necessárias uma vez que os docentes têm por papel conduzir, dessa forma, os graduandos ao conhecimento, mostrando assim, os caminhos para iniciação de pesquisa e despertar do interesse por disciplinas como as quais os alunos vão descobrindo suas afinidades. Apesar da crítica às leituras ‘mandadas’, Kleiman (2002) também reconhece que estas, por hora, se fazem necessárias.

Se o leitor menos experiente foi desacostumado, [...], a pensar e decidir por si mesmo sobre aquilo que ele lê, então o adulto pode, provisoriamente, superimpor objetivos artificialmente criados para realizar uma tarefa interessante e significativa para o desenvolvimento do aluno [...]. Assim, indiretamente, através do modelo que o adulto lhe fornece, esse leitor estabelecerá eventualmente seus próprios objetivos [...] (COSSON, 2002, p.35).

Todavia, esse resultado obtido no estudo do *corpus* se mostra perigoso em se tratando de cursos de licenciatura que têm por objetivo, dentre outros, a produção de profissionais que

precisarão ser fomentadores de leitores por excelência. Se, porém, o acadêmico durante a graduação não revelar-se essencialmente leitor, consta-se inicialmente uma problemática de como será o trabalho de leitura com os futuros discentes. Sobre isso, Cosson (2011, p.32) relata apenas um dos efeitos que isso refletirá na área profissional, transformando-se num ciclo:

O professor é o intermediário entre o livro e o aluno, seu leitor final. Os livros que ele lê ou leu são os que terminam invariavelmente nas mãos dos alunos. Isso explica, por exemplo, a permanência de alguns livros no repertório escolar por décadas. É que tendo lido naquela série assim, sucessivamente, do professor do aluno que se faz professor. (COSSON, 2011, p. 32).

Nesse sentido, podemos afirmar que os resultados revelaram dados alarmantes, sobretudo, por que o ambiente e os indivíduos aos quais a pesquisa se refere, tratam-se de elementos essencialmente geradores, fomentadores e produtores de conhecimento, conforme o contexto em questão.

Percebemos no processo da pesquisa e a partir dos resultados obtidos que é essencialmente necessária criação, busca ou utilização de ferramentas de incentivo à leitura, despertamento, aguçamento e fomentos a leitores.

O que se espera é que a partir da conclusão deste trabalho e posterior tomada de conhecimento do mesmo pelas partes pesquisadas, em especial pela própria universidade, inicie-se reflexões e discussões a partir das problemáticas apontadas, surtindo efeitos positivos para a Unidade. Nos corredores da Unidade por vezes houve a discussão acerca da percepção por parte dos docentes acerca de uma diferenciação de nível de leitura entre os cursos pesquisados, porém, com os resultados obtidos neste trabalho científico, ficou comprovado que mais que existir disparidade entre os cursos, mas que esta é gritante. Nossa expectativa, portanto, não é que tal assertiva revelada aqui sirva apenas para conhecimento dos cursos ou para exaltação de um em detrimento do outro. Salvo que apesar de que um seja mais leitor que o outro, revelamos também que ainda está longe do que poderíamos chamar de ideal. Mas que seja dado o alerta sobre tal problemática, e que atos concretos e reais sejam realizados para que a realidade existente mude, transformando radicalmente positivamente o cenário apresentado neste trabalho de conclusão de curso.

REFERÊNCIAS

- BARKER, R. e ESCARPIT, R. **A fome de ler**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/MEC 1978.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo. Ed. UNESP, 1999.
- COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- TURCHI, M. Z., SILVA, V. M. T. (Orgs). **Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão**. Assis-SP: Ed. Cultura Acadêmica, ANEP, 2006.
- AMORA, A. S. Introdução à teoria literária. In: Amora, A.S. **O Leitor** São Paulo: Cultrix, 2001.
- CALVINO, Í. Por que ler os clássicos. In: Calvino, Í. Tradução de Nilson Moulin. **Por que ler os clássicos**. São Paulo-SP. Ed. Companhia das Letras, 1993.
- GONÇALVES, M. C. X. Índice de Leitura na Biblioteca da UEMS em Jardim 2009-2011. 2011.
- KLEIMAN, A. **Texto e leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. 8 Ed. Campinas-SP: Pontes. 2002.
- LIMA, L. C. **A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção Hans Robert Jauss... et al**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MENDES, J. S. **Formação do leitor de literatura: do hábito da leitura à cultura literária**. Tese (Doutorado em Literatura e Práticas Sociais), Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. **Divisão de Biblioteca**. Acesso em 23 out 2011 Disponível em <http://www.uems.br/portal/dbibli.php>.
- UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. **Projeto Pedagógico – Licenciatura em Geografia**, UEMS, Jardim, 2007.
- UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. **Projeto Pedagógico – Licenciatura em Letras**, Dourados, 2004.

ANEXOS

1.1. Modelo de Ficha de Leitura

Modelo de ficha de leitura analisadas, com histórico de leitura separados por leitor, sobre a qual foram extraídos os resultados.

Histórico dos empréstimos por leitor no período de: 01/01/2001 a 17/02/2012

| Acadêmico: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX | | CURSO |
|--|---|---------------------|
| Empr./Dev. | Título do Livro | Tipo do Item |
| ===== | ===== | ===== |
| LETRAS | | |
| 29/9/2009 | NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO | LIVRO |
| 5/10/2009 | | |
| 22/10/2009 | EMMA | LIVRO |
| 29/10/2009 | | |
| 3/11/2009 | O QUE É PARTICIPAÇÃO | LIVRO |
| 9/11/2009 | | |
| 11/11/2009 | EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA | LIVRO |
| 18/11/2009 | | |
| 11/11/2009 | EDUCAÇÃO ONLINE : TEORIAS, PRÁTICAS E FORMAÇÃO | LIVRO |
| 18/11/2009 | | |
| 11/11/2009 | SOCIEDADE TECNOLÓGICA | LIVRO |
| 11/11/2009 | | |
| 11/11/2009 | UMA ESCOLA SEM/ COM FUTURO | LIVRO |
| 13/11/2009 | | |
| 18/11/2009 | EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA | LIVRO |
| 30/11/2009 | | |
| 18/11/2009 | EDUCAÇÃO ONLINE : TEORIAS, PRÁTICAS E FORMAÇÃO | LIVRO |
| 23/11/2009 | | |
| 3/3/2010 | O MUNDO MISTERIOSO DE AGATHA CHRISTIE (FEINMAN) | LIVRO |
| 8/3/2010 | | |
| 10/3/2010 | LUCÍOLA/DIVA/SENHORA[ALENCAR] | LIVRO |
| 15/3/2010 | | |
| 15/3/2010 | OBRA COMPLETA | LIVRO |
| 17/3/2010 | | |
| 17/3/2010 | A PERSONAGEM [FIXO] | LIVRO |
| 29/3/2010 | | |
| 17/3/2010 | CAI O PANO | LIVRO |
| 22/3/2010 | | |
| 17/3/2010 | GRAMÁTICA E INTERAÇÃO | LIVRO |
| 29/3/2010 | | |
| 29/3/2010 | NOVÍSSIMA GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA [FIXO] | LIVRO |
| 29/3/2010 | | |
| 30/3/2010 | DIMENSÕES COMUNICATIVAS NO ENSINO DE LÍNGUAS | LIVRO |
| 14/4/2010 | | |
| 13/4/2010 | CURSO PRÁTICO DE GRAMÁTICA | LIVRO |
| 13/4/2010 | | |
| 18/5/2010 | CURSO PRÁTICO DE GRAMÁTICA | LIVRO |
| 18/5/2010 | | |
| 25/5/2010 | NOVÍSSIMA GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA [FIXO] | LIVRO |
| 25/5/2010 | | |
| 25/5/2010 | OBRA COMPLETA | LIVRO |
| 25/5/2010 | | |
| 27/5/2010 | GRAMÁTICA LATINA | LIVRO |
| 27/5/2010 | | |
| 31/5/2010 | CURSO PRÁTICO DE GRAMÁTICA | LIVRO |
| 1/6/2010 | | |
| 8/6/2010 | GRAMÁTICA LATINA | LIVRO |
| 1/7/2010 | | |
| 8/6/2010 | OBRA COMPLETA | LIVRO |
| 8/6/2010 | | |
| 1/7/2010 | CURSO PRÁTICO DE GRAMÁTICA | LIVRO |
| 1/7/2010 | | |

Figura 1. Entrada da Biblioteca da UEMS Unidade de Jardim.



Fonte: GONÇALVES, M. C. X. (2012).

Figura 2. Acervo de livros.



Fonte: GONÇALVES, M. C. X. (2012).

Figura 3. Acadêmica em contato com o acervo de monografias.



Fonte: GONÇALVES, M. C. X. (2012).

Figura 4. Acadêmico em contato com o acervo de livros.



Fonte: GONÇALVES, M. C. X. (2012).

Figura 5. Acadêmico utilizando a área de estudo da Biblioteca e a rede *wireless*.



Fonte: GONÇALVES, M. C. X. (2012).

Figura 6. Acadêmicos utilizando os computadores com acesso à internet.



Fonte: GONÇALVES, M. C. X. (2012).

Figura 7. Acadêmicas utilizando a sala de estudo em grupo.



Fonte: GONÇALVES, M. C. X. (2012).

Figura 7. Acervo, área de estudo e recepção da Biblioteca.



Fonte: GONÇALVES, M. C. X. (2012).